

## Palestra 1

### A posição social do artista em Florença a partir das obras de Anton Domenico Gabbiani (1652-1726) para a Vila de Pratolino

Márcio Páscoa

Universidade do Estado do Amazonas  
GT RIDIM-Brasil - AM

Anton Domenico Gabbiani (1652-1726), a serviço da corte dos Médici, pintou quadros com músicos que ficaram conhecidos por sua relação com o projeto operístico desenvolvido para a Vila do Pratolino, sob os auspícios do Grão Príncipe Ferdinando (1663-1713). Destes quadros, 4 deles subsistem na coleção do Polo Museal Fiorentino e hoje podem ser apreciados na visita aos instrumentos musicais históricos do conservatório Luigi Cherubini, ao ingressar na Galleria della Accademia de Florença.

Eles são identificados como pertencentes ao Inventário 1890, sob as cotas 2802, 2805, 2807 e 2808 podendo ser datados do período entre 1684 a 1687 segundo registros da *Depositeria*, que pagou despesas em nome do pintor (HILL, 1990, p.561), existindo mesmo registro específico de pagamento feito a Gabbiani em julho de 1685 para vários retratos destinados à Villa de Pratolino (CHIARINI, 1976, p.333)

Gabbiani era filho de Giovanni Gabbiani, *Proveditore del Tinello* do Grão Duque Ferdinando II (1610-1670), que permaneceu até o tempo de seu sucessor Cósimo III (HUGFORD, 1762, p.2), função que significava cuidar dos pertences da sala de jantar dos Médici. A proximidade com os Médici revela-se também na posição proeminente do irmão de Anton Domenico, que doutorado em Direito, integrou o *gindici degli otto*, a corte judicial de Florença. Com proteção granducal, o pintor começou sob a tutela de Valerio Spada (1613-1688), na elaboração de letras captulares e figuração de livros, passando depois à avaliação de Giusto Sustermans (1597-1681) e Vincenzo Dandini (1609-1675), discípulo de Pietro da Cortona (1596-1669). Isso orientou sua trajetória para se aperfeiçoar na Accademi Fiorentina, em Roma, sob Ciro Ferri (1634-1689), onde passou três anos estudando e trabalhando. Esteve de volta em Florença, de passagem para Veneza onde se aperfeiçoaria no ateliê de Sebastiano Bombelli (1635-1719) no período de 1678-9.

Restabelecido em Florença em 1680, começou a trabalhar de modo independente, sendo logo contratado pelo Grão Príncipe Ferdinando que lhe encomendou muitos retratos para seus apartamentos do Palácio Pitti e das vilas onde costumava estar (HUGFORD, 1762, p.6), como é o caso do Pratolino.

A Vila do Pratolino foi contruída em fins do século XVI e abandonada em princípios do século XVII. Reformada na segunda metade deste século, passou a partir de 1679 a abrigar iniciativa do príncipe Ferdinando e seu tio Francesco Maria de Médici (1660-1711), que mais tarde se tornaria cardeal, dando início às temporadas de ópera na. Até 1710 houve contínuas apresentações anuais neste espaço, acontecidas quase invariavelmente no mês de setembro. Todas as óperas tomavam lugar no Grande Salão da residência e só em 1696 passaram a ser acomodadas num pequeno teatro que Ferdinando fez construir no terceiro andar do edifício. Francesco era só três anos mais velho que Ferdinando, já possuía vida de espetáculos e festas em sua residência na Vila de Lappoggi e foi, na ausência da mãe do Grão Príncipe, a figura de ascendência sobre a vida deste. Ambos eram muito jovens quando a empreitada começou, quando as óperas contanto 19 e 16 anos, respectivamente. Valendo-se em parte de músicos empregados pelo pai, Cósimo III, ou a serviço dos tios, Ferdinando foi arrolando elencos que incluíam alguns artistas que não eram pagos pelos caminhos normais do estado toscano.

Os 4 quadros apresentam composições que servem como documento de fatos passados, em prestação real ou simbólica, e até mesmo alegórica, do que lá se viveu.

O item 2805 (Figura 1) é indiscutivelmente a orquestra das funções operísticas, com dois violinistas, dois violistas e os membros do baixo contínuo, composto por um cravista, um violoncelista e um guitarrista/bandolinista. A textura a 5 partes, comum na música orquestral do tempo, pode também revelar que o grupo fazia algumas sinfonias e sonatas nos divertimentos das funções cênicas. Os violinistas são possivelmente membros da família Veracini, solidamente estabelecida na cidade, que de fato esteve a servir nos primeiros anos de atividade da Vila do Pratolino, tanto à avó quanto ao próprio Ferdinando. Os violistas podem conter algum membro da família Assolani, que esteve mais numerosamente representada décadas antes. O violoncelista não pode ser outro senão Pietro Salvetti (1636-1697), assim como o cravista deve ser Federigo Meccoli (1635-1710) e o músico em pé e ao centro é o arqualaudista Giovanni Battista Gigli (? – 1703).

As clores claras e lisas, as mangas de renda, até um eventual casaco estampado, de cara fatura àqueles dias, contrastam com o acastanhado escuro e o tom de negro ou cinza do casaco de Salvetti, o mais velho e mais estudado dos homens no quadro. Ele foi uma espécie de homem segundo o modelo renascentista: dominava instrumentos de arco, de modo geral, sendo o professor particular de Ferdinando no âmbito da música prática, mas também libretista, compositor, provável construtor de instrumentos (fazia frequentemente plantas de instrumentos do *Guardaroba granducal*), estudioso da matemática, ótica e acústica com profundidade científica, sendo afamado e com ideias discutidas não apenas na Itália, mas na França e na Inglaterra. (KIRKENDALE, 1993, p.402-406). Nele, o preto é a cor da autoridade, para além da sobriedade.

Os quadros sob as cotas 2807 e 2802 (Figura 2 e 3), Gabbiani retratou 2 trios de musicistas, em ambos os casos envolvidos em ensaios que se supõe preparatórios para as produções da Vila do Pratolino.

**Figura 1.** *Músicos do Grand Príncipe Ferdinando.* Óleo sobre tela, 140x233 cm.



Fonte: Palazzo Pitti, atualmente na Galleria dell'Accademia, Museo degli Strumenti Musicali. Inventário nr 1890, n. 2805. (Foto do Autor)

**Figura 2.** *Trio de músicos do Grand Príncipe Ferdinando. Retrato de Vincenzo Olivicciani, Antonio Rivani e Giulio Cavalletti.* Óleo sobre tela, 144x153 cm.



Fonte: Galleria Palatina, Palazzo Pitti, atualmente na Galleria dell'Accademia, Museo degli Strumenti Musicali. Inventário nr 1890, n. 2807. (Foto do Autor)

Na imagem acima estão retratados três dos mais importantes cantores castrados que atuaram a serviço de Ferdinando. Da direita para a esquerda vê-se o jovem Giulio Cavalletti (1668-1755), no começo de uma grande carreira, mas já ostentando roupas caras, com elementos de gosto francês, assim como o ensaiador ao cravo, Antonio Rivani (1629-1686), um experiente artistas, e o mais velho do grupo, com pontos notáveis na carreira como a estreia de *Ercole Amante*, de Francesco Cavalli (1602-1676), em Paris, ou *Ercole in Tebe*, de Jacopo Melani (1623-1676) para o casamento do Grão Duque Cósimo III com Marguerite d'Orleans, pais de Ferdinando. O quadro pode ser datado de 1686, uma vez que este foi o ano em que Cavalletti passou por Florença e, malfadadamente, o ano em que Rivani faleceu. Completa o trio, Vincenzo Olivicciani (1646/7-1726), em roupas de clérigo, posto que ele de fato tivera assumido ordens na juventude. É o único que também não faz uso de um nenhum recurso cosmético, o que Gabbiani fez questão de ressaltar, parecendo até mesmo mais velho que Rivani. Entretanto, essa sobriedade que o preto clerical lhe cobria, não deve esconder o fato de que o foi o segundo maior salário dos músicos em toda a história da corte medicea, sendo portanto quase exclusivo aí. Quando não cantou na Toscana, esteve emprestado à corte de Viena e são raríssimas as suas aparições em teatro comercial de ópera.

**Figura 3.** *Trio de Músicos do Gran Príncipe Ferdinando com escravo mouro.* Óleo sobre tela, 141x208 cm.



Fonte: Galleria Palatina, Palazzo Pitti, atualmente na Galleria dell'Accademia, Museo degli Strumenti Musicali. Inventário nr1890, n. 2802. (Foto do Autor)

O item 2802 (Figura 3) desta coleção traz o segundo trio de artistas. Na direita, em trajes tão elaborados quanto os de Cavalletti pode se identificar Francesco de Castris, il Checchino (c.1650-1724), O maior salário dos músicos da corte: foi-

lhe pago 143 *scudi*, mais despesas de transporte e acomodações, para vir cantar na produção de *Caligola delirante*, de Giovanni Maria Pagliardi (1637-1702). Pagliardi, também ordenado padre e que se vestia em roupas clericais, tivera sucesso com o libreto de Ghisberti, de tal modo que Cosimo III o contratou para professor do filho. O ensaiador ao cravo é quase certamente Carlo Antonio Zanardi (1657-1704), o outro castrado bem sucedido na corte, que ostenta o vermelho, na música muito usado pelos líderes, pelos virtuosos e pelos mestres de música ou *maestri al cembalo*. Sua casaca vermelha é ainda mais elaborada que a de Rivani, um possível detalhe da rivalidade que permeava a convivência na corte granducal. Ao centro, o jovem violinista é também muito provavelmente Martino Bitti (1655/6-1723), uma indicação de Pagliardi, igualmente trazido de Gênova, e também uma aquisição querida de Ferdinando, que o regalou com um salário de 25 *scudi*, bem superior ao que outros violinistas ganharam na corte, à volta de 4 *scudi*. Bitti é o único que usa o preto nos 4 quadros de Gabbiani, sem que esteja associado à Igreja, ou a qualquer outra posição de poder e sobriedade que dele se espere. Nesse caso, o uso do preto, se não foi uma escolha de Gabbiani para equilibrar o embate de azul e vermelho dos castrados, como alegoria das forças em disputa que estes cantores moviam em busca de sucesso, é a escolha pessoal que o violinista fez para conservar uma espécie de visibilidade neutra, um ar totalmente profissional, pois se escusa em sobressair-se de suas funções como os outros.

No último quadro aqui em causa (Figura 4) estão presentes da esquerda para a direita, provavelmente: o cravista Meccoli, um músico não identificado, o violoncelista Salvetti, o teorbista Gigli, o castrado Filippo Melani, um personagem desconhecido e, incluído posteriormente, o Príncipe Ferdinando de Medici e o castrado Olivicciani.

**Figura 4.** Retrato do Príncipe Ferdinando de Médici e os músicos da sua corte. Óleo sobre tela, 139x221 cm.



Fonte: C.1685. Inv. 1890. n. 2808. (Foto do Autor)

Se o quadro precedente traz a curiosa representação do escravo mouro com o papagaio, a esfinge e a efígie na coluna, o quadro aqui enigmático porque os personagens parecem dispersos e não fica conservada, como nos outros casos a *conversation amusante*, que conecta os músicos. Aqui os trajes de todos foram homologados em cores sóbrias e escuras, que neste caso servem para deixar o destaque colorístico para o traje do príncipe Ferdinando. Um casacão de muitos botões pequenos e enfileirados era item de sóbria elegância na moda do último quartel do século XVII. Ele entretanto usa uma padronagem de tecido estampada, um recurso caro e de difícil execução têxtil para a época, o que denota seu elevado poder econômico e o toque extra de bom gosto que foge ao convencional. Ferdinando está entretido num pequeno colóquio com Olivicciani, talvez motivados pela partitura nas mãos deste; o assunto não é essencialmente musical, pois Ferdinando em direção ao cão na parte central inferior do quadro, provável alusão à fidelidade. Mas o quadro tem por fundo uma representação arquitetônica que, como no item dos 3 músicos com o escravo mouro, deve se referir aos cenários das produções na Vila do Pratolino.

## Referências

- CHIARINI, Marco. Antonio Domenico Gabbiani e I Medici in: **Kunst der Barock in der Toskana**, Munich, Verlag F. Bruckmann, 1976.
- HILL, John Walter. **Antonio Veracini in context: new perspectives from documents, analysis and style** .in Early Music n.18, vol.4, 1990, pp.545-562.
- HUGFORD, Ignazio Enrico. **Vita di Antonio Domenico Gabbiani, pittor fiorentino**. Firenze, Francesco Moucke, 1762.
- KIRKENDALE, Warren. **The Court Musicians in Florence during the Principate of the Medici**. Florença: Casa Editrice Leo S. Olschki, 1993.